

sobre a dívida

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON - O governo brasileiro recebeu nesta semana um esboço geral do novo plano americano para aliviar a crise da dívida externa que assola países do Terceiro Mundo, principalmente os da América Latina. A reação inicial do Brasil com relação às propostas gerais (que ainda não foram inteiramente formuladas pelo governo dos Estados Unidos) foi boa, disse uma fonte que acompanha de perto os problemas que cercam a dívida externa latino-americana. "Os americanos fizeram a consulta por canais informais, para tentar medir qual seria a reação dos devedores a um anúncio do plano", contou. "Até para evitar que estes países fizessem alguma crítica ao que eles estão propondo. Seria um desastre se isso acontecesse."

A consulta ao Brasil, feita na quarta-feira, também foi estendida a outros países latino-americanos. A atividade ontem na Massachussets Avenue, corredor das embaixadas nesta capital, foi febril, com os diplomatas de países como Brasil, Argentina, México e Venezuela mantendo constantes contatos com funcionários do governo americano para arrancar mais detalhes sobre o plano e tentando influenciar sua execução. "O Brasil já avisou aos Estados Unidos que considera esta iniciativa um passo importante para a solução da crise da dívida", disse a mesma fonte.

Sem confirmação — Um fun-

cionário do governo americano, que lida diretamente com questões relativas ao Brasil, afirmou não poder confirmar se o seu país havia recebido qualquer comunicado sobre o plano, mas revelou que Sarney foi um dos primeiros presidentes de países endividados a ser informado de que os americanos estavam prestes a lançar novas propostas para a questão. Quem lhe disse isso, na verdade, foi o próprio presidente americano, durante o encontro em Tóquio, há duas semanas. Depois das gentilezas de praxe, Sarney queixou-se a Bush de que o peso da dívida externa estava transformando os países da América Latina em verdadeiros caldeirões sociais e que tudo estaria prestes a explodir pelos ares.

"Bush ouviu atentamente e revelou a Sarney que, em breve, os Estados Unidos estariam anunciando um plano para lidar de uma vez por todas com o problema", contou o funcionário. "Bush não fez mais do que uma referência geral às novas propostas". Aliás, elas ainda não receberam uma forma definitiva. Em princípio, o novo plano pretendia criar uma janela assistencial, sob os auspícios do Fundo Monetário Internacional — talvez com a participação do Banco Mundial — que compraria papéis da dívida externa para repassá-los aos devedores com descontos substanciais e condições mais suaves de pagamento do saldo restante, desde que os devedores se comprometessem a resgatá-lo inteiramente.

Modificações — Esta parte do

plano, segundo outra fonte desta capital, foi modificada em parte depois que começaram as consultas, há dois dias, entre os países endividados e o governo americano. "Os governos latino-americanos fizeram ver aos Estados Unidos que seria melhor que o Fundo, ao invés de se transformar num comprador dos papéis da dívida, repassasse o dinheiro da janela assistencial aos próprios países para que eles buscassem recomprar, com desconto, os papéis de seus débitos dos bancos que os quisessem vender", revelou. Desse maneira, segundo a fonte, os devedores pretendem evitar os riscos políticos internos de se transformarem em devedores do Fundo e arranjarem apenas um novo intermediário no pagamento de suas dívidas, mesmo que elas sejam substancialmente reduzidas.

Esta foi apenas mais uma das prováveis centenas de modificações que o plano nesta última semana vem recebendo em seus detalhes a partir de consultas informais entre o governo americano, os governos dos países endividados, economistas e banqueiros. Ainda ontem, a Casa Branca passava as novas propostas por um crucial exame pelos principais membros de seu staff e, por causa disso, ninguém se aventurava a confirmar realmente se o secretário do Tesouro, Nicholas Brady, iria anunciar hoje, em discurso no Departamento de Estado. "É quase impossível que Brady deixe de anunciar o plano, até porque existe uma imensa pressão para que ele faça isso", revelou um funcionário do Tesouro. "Mas, a briga in-

terna no governo está muito grande e é sempre melhor ser cauteloso nessas ocasiões."

Pancadaria — A briga a que se refere o funcionário coloca de um lado a equipe política do governo Bush, comandada pelo general Brent Scowcroft, e do outro a equipe econômica, capitaneada por Brady e pelo ex-secretário de Tesouro e atual secretário de Estado, James Baker. Os dois grupos concordam com o conceito geral do plano, de investir gradualmente na redução da dívida externa dos países pobres, mas se dividem quanto à melhor maneira de fazê-lo. Scowcroft acha que a dívida é uma questão política, e que deve ser perdoada quase que de modo puro e simples; Baker concorda, mas acha que ela também é uma questão econômico-financeira, que envolve complexos problemas nos Estados Unidos, que vão desde a busca de uma maneira de aplacar as críticas dos bancos ao plano até como explicá-lo ao contribuinte americano, porque este, em última análise, vai pagar um pedaço dessa conta de salvação da América Latina.

"A pancadaria está grande, mas no fim das contas o que sair deste plano vai ser uma revolução. Ele terá um alcance muito maior e será bem mais favorável aos países endividados do que se imagina agora", revelou um economista que participa de sua execução. Segundo ele, os Estados Unidos querem escapar do problema da dívida. "O governo americano chegou à conclusão que não há mais nada a fazer, que a conta nunca será paga".